



ESTADOS UNIDOS

Justiça suspende veto a Harvard

A juíza Allison Burroughs, do tribunal federal de Massachusetts, levanta a proibição de matrícula de estudantes internacionais na universidade. Decisão é derrota para Trump, que acusa a instituição de ser foco de liberalismo progressista e antissemitismo

» RODRIGO CRAVEIRO

Não durou nem 24 horas. A decisão do Departamento de Segurança Interna de impedir a Universidade de Harvard de matricular e aceitar estudantes internacionais foi suspensa até uma audiência preliminar, na próxima quinta-feira. A juíza Allison Burroughs, do tribunal federal de Massachusetts, considerou a medida inconstitucional. O anúncio da decisão judicial ocorreu pouco depois de Harvard ter processado o governo do republicano Donald Trump.

Dos 10.158 estudantes e acadêmicos de 144 países matriculados em Harvard neste ano, 318 são brasileiros. Trump ficou furioso com o fato de Harvard, lar de 162 ganhadores do Prêmio Nobel, ter recusado sua exigência de que a universidade se submeta à supervisão de admissões e contratações.

Professor de história e de política social da Universidade de Harvard, Alex Keyssar disse ao

Correio que os advogados de Trump provavelmente sabiam que a proibição seria suspensa. “A ameaça de que ela possa ser restabelecida a qualquer momento ainda paira sobre a universidade e os alunos. Nada está definido ou certo”, advertiu.

Segundo Keyssar, muitos dos passos adotados pelo governo Trump sobre vários temas foram de legalidade duvidosa e acabaram suspensos. “No entanto, algumas dessas suspensões foram canceladas ou revertidas. Então, a ameaça permanece.”

Represálias

Trump acusa Harvard de ser um foco de simpatizantes da ideologia liberal progressista e de antissemitas. A Casa Branca chegou a acenar com uma “revisão” de US\$ 9 bilhões (cerca de R\$ 51 bilhões) em financiamento federal para Harvard, depois de congelar uma primeira parcela de US\$ 2,2 bilhões (cerca de R\$ 12,4 bilhões) em subsídios. O governo federal também

Joseph Prezioso/AFP



Alunos protestam contra guerra de Trump à universidade, diante de estátua de John Harvard, em Cambridge

bloqueou o repasse de US\$ 60 milhões (em torno de R\$ 339 milhões) em contratos oficiais e deportou uma cientista da Faculdade de Medicina.

A julgar pela reação da Casa Branca, a guerra entre Harvard e Trump parece longe do fim. Stephen Miller, vice-chefe de gabinete do presidente republicano,

não mediu palavras para atacar a magistrada Allison Burroughs. “Uma juíza comunista criou um direito constitucional para que estrangeiros sejam admitidos em

universidades americanas financiadas com dólares dos impostos americanos”, alfinetou.

Alan Garber, presidente de Harvard, qualificou a empreitada americana contra a instituição de “ação ilegal e injustificada”. “Coloca em perigo o futuro de milhares de estudantes e acadêmicos da Universidade de Harvard e funciona como advertência para inúmeras pessoas da universidade de todo o país que vieram aos Estados Unidos para continuar sua educação e realizar seus sonhos”, declarou.

Defesa

No perfil oficial da rede social X, a instituição de ensino superior publicou: “Sem seus estudantes internacionais, Harvard não é Harvard”. Também repostou uma nota de 5 de maio, segundo a qual Harvard “continuará a se defender contra a interferência ilegal do governo, que visa sufocar a pesquisa e a inovação, as quais tornam os americanos mais seguros e protegidos”.

HORROR NA ALEMANHA

Mulher esfaqueia 12 em estação ferroviária de Hamburgo

Uma mulher de 39 anos feriu a facadas 12 pessoas na principal estação ferroviária de Hamburgo, no norte da Alemanha. Pelo menos seis vítimas corriam risco de morte, até o fechamento desta edição. Por volta das 18h30 (13h30 em Brasília), policiais realizam uma “grande operação” no terminal da segunda maior cidade alemã. As autoridades acreditam que a autora do ataque agiu sozinha. As investigações sobre o incidente estavam “correndo a todo vapor”, disse a polícia, sem dar nenhuma indicação de uma possível motivação. O atentado ocorreu por volta das 18h (13h no horário de

Brasília), em pleno horário de pico, ao fim de uma semana de trabalho. Acredita-se que a suspeita tenha realizado o ataque “contra passageiros” na estação, indicou à agência de notícias France-Press uma porta-voz da diretoria da polícia federal de Hamburgo, que também cobre Hamburgo.

Imagens do local do crime mostraram o acesso às plataformas em uma extremidade da estação bloqueado pela polícia e pessoas sendo colocadas em ambulâncias que aguardavam. Algumas das vítimas do ataque estavam sendo tratadas dentro dos trens, estacionados na estação,

segundo o jornal alemão *Bild*. A Deutsche Bahn, principal operadora ferroviária alemã, informou que quatro plataformas da estação foram interditadas.

Ainda de acordo com a Deutsche Bahn, o incidente levou a “atrasos e desvios nos serviços de longa distância”. A Alemanha tem sido abalada, nos últimos meses, por uma série de ataques violentos, muitas vezes com motivações jihadistas ou de extrema direita, que colocaram a segurança no topo da agenda.

O mais recente, no domingo, resultou em quatro pessoas feridas em um esfaqueamento em

um bar na cidade de Bielefeld. A investigação do ataque foi entregue ao Ministério Público Federal depois que o suspeito sírio do ataque declarou aos policiais que o prenderam que tinha convicções jihadistas.

A questão da segurança — e a origem migrante de muitos dos agressores — foi um tópico importante durante a recente campanha eleitoral na Alemanha. A votação, no fim de fevereiro, viu a aliança conservadora CDU/CSU liderar as pesquisas e uma pontuação recorde de mais de 20% para a extrema direita e anti-imigração Alternativa para a Alemanha (AfD).

Jonas Walzberg/AFP



Peritos da polícia investigam plataforma onde ocorreu o atentado

Conexão diplomática



por Silvío Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Volta à mesa a carta africana

Depois de ter retomado as visitas à África, na primeira metade do atual mandato, o presidente Lula volta a apostar nos laços históricos, étnicos e culturais para reforçar a inserção do país no chamado Sul Global. Na semana que termina, Brasília recebeu delegações de 42 dos 54 países do continente para o II Diálogo Brasil-África sobre Segurança Alimentar, Combate à Fome e Desenvolvimento Rural. O evento se desdobrou da Aliança Global Contra a Fome, lançada formalmente no ano passado, durante a Cúpula do G20 no Rio de Janeiro.

Os visitantes, entre eles ministros de pastas afins, participaram de painéis técnicos, com destaque para a participação da Embrapa. Também conheceram experiências de agricultura familiar e sustentável no DF e Entorno e na região de Petrolina (PE), no Vale do São Francisco.

A ideia, com a atividade, é resgatar um ingrediente essencial da diplomacia

africana adotada no primeiro período de Lula no Planalto, quando foram abertas duas dezenas de embaixadas no continente. Várias foram fechadas ou enxugadas nos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro. O repasse de elementos do Fome Zero e de outros programas de segurança alimentar, como o fornecimento de merenda escolar com produtos de pequenos agricultores, ajudou a conquistar os votos do continente para candidatos brasileiros à direção de agências da ONU, em particular a FAO.

Cadê você?

Na abertura do evento, no Itamaraty, o presidente mencionou a representação aberta pela Embrapa em Gana, com foco na assistência técnica para a cotonicultura. Lula admitiu que “não sabe por que” o escritório foi fechado.

Na berlinda

Coube à primeira-dama a fala principal na última etapa da visita, ainda em meio às reverberações do episódio registrado durante a viagem à China, em jantar íntimo oferecido pelo presidente Xi Jinping. Janja não apenas falou, ressaltando o papel das mulheres na agricultura familiar — aqui como na África. Foi ela quem acompanhou as delegações nas visitas de campo.

Primeiro da fila

O encontro coincidiu com as celebrações pela Semana da África, encerradas ontem. O convidado de honra foi o presidente de Angola, João Lourenço, que acumula neste ano a presidência rotativa da União Africana.

A data marca também 50 anos de relações bilaterais. Em novembro de 1975,

em pleno regime militar, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência da ex-colônia portuguesa, sob a liderança do (então) marxista Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), ainda hoje no poder, embora com outra feição ideológica.

A ousada iniciativa foi um dos marcos do “pragmatismo responsável” impresso à política externa pelo general Ernesto Geisel. Desde então, com altos e baixos, o pioneirismo da diplomacia brasileira abriu numerosas oportunidades de negócios e investimentos para empresas brasileiras

Rota de colisão

Em outra frente da política externa, uma zona de turbulência aguarda o Itamaraty e o Planalto nas próximas semanas no Oriente Médio. França e Reino Unido convidaram o Brasil a copresidir, com o Senegal, um grupo de trabalho formado na ONU para delinear medidas com o objetivo de viabilizar a instalação de um Estado palestino. O

primeiro passo prático será organizar uma conferência internacional, prevista para junho.

Nos últimos dias, os governos de Paris e Londres entraram em rota de colisão com o premiê Benjamin Netanyahu, depois de protestarem contra a nova onda de ataques de Israel à Faixa de Gaza. O governo brasileiro emitiu nota em tom forte. O texto “condena nos termos mais veementes” a ofensiva, que deixou na semana um saldo de centenas de mortos. E adverte Netanyahu sobre a intenção anunciada de “assumir o controle” do território palestino, passo qualificado como “incompatível com as normas do Direito Internacional”.

O enredo promete cenas de tensão nos próximos capítulos — também no Congresso. A bancada evangélica, com o reforço da direita bolsonarista e de outros setores da oposição, vem fazendo marcação cerrada sobre o governo nas comissões de Relações Exteriores, sobretudo a da Câmara. Um dos itens centrais dessa agenda é, justamente, o apoio incondicional a Israel.